

Capítulo 1

Tinha um metro e oitenta, talvez menos dois ou três centímetros, constituição forte e avançava direito às pessoas com os ombros ligeiramente curvados, de cabeça para a frente e um olhar fixo, vindo de baixo que lembrava um touro prestes a atacar. A sua voz era profunda, forte, e a sua atitude demonstrava uma espécie de assertividade tenaz que nada tinha de agressivo. Parecia uma necessidade, e tudo indicava que se dirigia tanto a ele próprio como a qualquer outra pessoa. Tinha uma aparência impecável, envergando um branco imaculado dos pés à cabeça, e era muito popular nos vários portos do Oriente onde trabalhava como empregado de porto dos fornecedores de equipamento de navios.

Um empregado de porto não precisa de passar um exame sobre nada à face da terra, mas deve possuir Capacidade em abstrato e demonstrá-la na prática. O trabalho consiste em correr, por meio de velas, vapor ou remos, mais depressa do que os outros empregados de porto, em direção a qualquer barco prestes a ancorar, cumprimentando alegremente o capitão, a quem se deve impingir um cartão — o cartão de visita do fornecedor de equipamento —, e na sua primeira visita a terra orientá-lo com firmeza, mas sem excessos, para uma enorme loja cavernosa, cheia de coisas para comer e beber a bordo, onde se pode comprar tudo o que torne o barco navegável e belo, desde um conjunto de ganchos para o cabo a um livro de folhas de ouro para as esculturas da proa, e onde o comandante será recebido como irmão por um fornecedor que nunca viu. Ali haverá uma sala de estar fresca, poltronas, garrafas, charutos, material de escrita, uma cópia dos regulamentos do porto e um acolhimento caloroso, capaz de derreter o sal acumulado em três meses de viagem no coração de um marinheiro. Enquanto o navio permanece ancorado, o contacto assim iniciado é assegurado pelas visitas diárias do empregado de porto. Ao capitão, ele é fiel como um amigo e atento

como um filho, com a paciência de Job, a dedicação abnegada de uma mulher e a bonomia de um bom companheiro. A conta é enviada mais tarde. É uma bela ocupação, de contacto com as pessoas. Assim sendo, os empregados de porto competentes são raros. Quando um empregado de porto que possui Habilidade em abstrato também beneficia da vantagem de ter sido criado no mar, vale ao seu empregador muito dinheiro e suscita alguma complacência. Jim recebeu sempre bons salários e complacência de sobra para comprar a fidelidade de um demónio. Ainda assim, com negra ingratidão, era seu costume abandonar o emprego de repente e partir. As razões que dava aos empregadores eram claramente inadequadas. Estes exclamavam «Maldito louco!» mal ele virava costas. Era assim que reagiam à sua sensibilidade rara.

Para os homens brancos que se dedicavam ao negócio portuário e para os capitães de navio, ele era só Jim — nada mais. Tinha, claro, outro nome, mas não queria que fosse pronunciado. O seu segredo, tão esburacado como uma peneira, escondia não uma personalidade mas um facto. Quando o facto invadia o segredo, ele partia de repente do porto onde estava na altura, dirigindo-se para outro — geralmente mais a leste. Preferia portos marítimos por ser um marinheiro exilado do mar, e possuía Habilidade em abstrato, o que só serve para trabalhar como empregado de porto. Retirava ordeiramente em direção ao sol nascente e o facto seguia-o calmamente, mas era inevitável. Assim, ao longo dos anos passara sucessivamente por Bombaim, Calcutá, Rangun, Penang, Batávia — e nestas paragens fora apenas Jim, o empregado de porto. Mais tarde, quando a percepção aguda do Intolerável o afastou para sempre dos portos marítimos e dos homens brancos, até à floresta virgem, os malaios da aldeia na selva que escolheu para esconder a sua falha deplorável acrescentaram uma palavra ao monossílabo do seu segredo. Chamaram-lhe *Tuan Jim*: nós diríamos lorde Jim.

Originalmente, vinha de um presbitério. Muitos comandantes de bons navios de marinha mercante são oriundos destas moradas de devoção e calma. O pai de Jim possuía um tal conhecimento seguro do Incognoscível, que era justo para com as pessoas das casas rurais, sem perturbar a tranquilidade de espírito daqueles que a sábia Providência permite que vivam em mansões. A igreja na colina tinha o cinzento musgoso de uma rocha vista através de um ecrã despenteado de folhas. Permanecia ali há séculos, mas as árvores em redor provavelmente recordavam-se do assento da primeira pedra. Mais abaixo, a fachada rubra do presbitério reluzia com uma tonalidade quente entre zonas de relva, canteiros de flores e abetos, com um pomar nas traseiras, uma

zona calçetada de entrada para o estábulo, à esquerda, e os vidros inclinados das estufas apoiados por um muro de tijolos. Este sítio pertencia à família há gerações, mas Jim era um de cinco filhos e, quando a sua vocação se declarara depois de uma dose de literatura leve de férias, fora imediatamente enviado para um «navio-escola de oficiais da marinha mercante».

Ali aprendeu não só um pouco de trigonometria mas também a cruzar vergas de joanete. Em geral, gostavam dele. Ficou em terceiro lugar na navegação e remou no primeiro cúter. De cabeça firme e com um físico excelente, demonstrava grande habilidade nos mastros. O seu posto era na gávea e muitas vezes olhava lá de cima, com o desprezo de alguém destinado a brilhar no meio dos perigos, para a multiplicidade tranquila dos telhados dobrados em dois junto ao curso castanho da corrente, enquanto, dispersas pelos arredores da planície circundante, as chaminés das fábricas se erguiam perpendicularmente contra um céu enegrecido, cada uma esguia como um lápis e expelindo fumo como um vulcão. Via os grandes navios partirem, os *ferries* amplos em movimento constante, os barquinhos flutuando aos seus pés, com o esplendor nebuloso do mar ao longe e a esperança de uma vida emocionante no mundo da aventura.

No primeiro convés, numa babel de duzentas vozes, esquecia-se de si próprio, vivendo antecipadamente na imaginação a vida marítima da literatura leve. Via-se a salvar pessoas de navios a afundar-se, a cortar mastros num furacão, nadando pela rebentação com uma corda; ou como náufrago solitário, descalço e seminu, caminhando por recifes descobertos em busca de marisco para não morrer de fome. Enfrentava selvagens em costas tropicais, reprimia motins em alto-mar e, num barquinho sobre as ondas, evitava o desânimo de homens em desespero — sempre um exemplo de dedicação ao dever e tão firme como um herói num livro.

«Aconteceu alguma coisa. Anda daí.»

Ergueu-se com um salto. Os rapazes subiam as escadas em torrente. Lá em cima ouvia-se uma grande precipitação e gritos; quando alcançou a escotilha ficou quieto — como que desconcertado.

Foi no crepúsculo de um dia de inverno. A ventania arrefecera desde o meio-dia, parando o tráfego do rio, e agora soprava com a força de um furacão em explosões irregulares que ribombavam como descargas de artilharia pesada sobre o mar. A chuva caía obliquamente em lençóis que se sacudiam e amainavam, e, de vez em quando, Jim tinha vislumbres ameaçadores da violência da maré, com a pequena embarcação aos

solavancos ao longo da costa, os edifícios imóveis na neblina poderosa, os *ferryboats* amplos, arfando violentamente sobre as amarras, as enormes plataformas de desembarque arquejando para cima e para baixo, sufocadas por borri-fadelas. A rajada seguinte pareceu destruir tudo com um sopro. A água voava pelo ar. Havia um ânimo feroz na ventania, um fervor furioso nos guinchos do vento, no tumulto brutal da terra e do céu, que parecia visá-lo e o fazia sustar a respiração, cheio de assombro. Parou. Pareceu-lhe que o faziam rodopiar.

Atropelaram-no. «Ao cúter!» Alguns rapazes passaram por ele a correr. Um barco de cabotagem em busca de abrigo colidira com uma escuna ancorada, e um dos instrutores do navio vira o acidente. Uma multidão de rapazes trepara à amurada, reunindo-se em torno dos gavietes. «Uma colisão. Mesmo à nossa frente. O Sr. Symons viu.» Depois de um empurrão, Jim cambaleou contra o mastro da mezena e agarrou uma corda. O velho navio-escola acorrentado ao ancoradouro tremeu de uma ponta à outra, curvando suavemente de frente para o vento, com as poucas enxárcias sussurrando num baixo profundo a canção ofegante da sua juventude no mar. «Baixem o escaler!» Viu o barco, tripulado, passar rapidamente para baixo da amurada e apressou-se a segui-lo. Ouviu o ruído do embate na água. «Larguem! Desamarrem os cabos!» Inclinou-se. O rio borbulhava em faixas de espuma. Via-se o cúter na escuridão crescente, presa da maré e do vento, que por momentos o seguraram, sacudindo-o junto ao barco. Captou ao longe uma voz gritando lá de dentro: «Remem, miseráveis, se querem salvar alguém! Remem!» E de repente o barco ergueu a proa e, saltando de remos erguidos por cima de uma onda, quebrou o feitiço que o vento e a maré lhe tinham lançado.

Jim sentiu que alguém lhe apertava o ombro com força. «Demasiado tarde, jovem.» O capitão do navio segurou sobriamente aquele rapaz que parecia prestes a saltar borda fora; Jim olhou-o, com a dor da derrota consciente no olhar. O capitão sorriu com compreensão. «Da próxima vez correrá melhor. Assim aprendes a ser esperto.»

Um aplauso estridente saudou o cúter. O barco voltou a dançar, meio cheio de água, com dois homens exaustos e encharcados nas tábuas do fundo. O tumulto e a ameaça do vento e do mar pareciam agora verdadeiramente desprezíveis a Jim, intensificando o seu arrependimento por ter reagido com respeito amedrontado à sua ameaça ineficaz. Agora sabia o que pensar daquilo. Parecia-lhe que a tempestade o deixava indiferente. Podia enfrentar perigos maiores. Fá-lo-ia — melhor do que qualquer outra pessoa. Não restava uma partícula de medo dentro dele.

Ainda assim, ao anoitecer, manteve uma distância pensativa, enquanto o remador de proa do cúter — um jovem com rosto de rapariga e grandes olhos cinzentos — era o herói do primeiro convés. Foi cercado por pessoas cheias de vontade de fazer perguntas. Narrou: «Só vi a cabeça dele a subir e a descer e atirei o gancho à água. Agarrou-se às calças dele e quase saí borda fora, como pensei que aconteceria, só que o velho Symons largou a cana do leme e agarrou-me pelas pernas. O barco quase inundou. O velho Symons é bom homem. Não me importo nada que resmungue connosco. Praguejou o tempo todo, enquanto me agarrou a perna, mas foi só a maneira dele de me dizer para espetar o gancho. O velho Symons é muito emotivo, não é? Não, não falo do rapazinho louro, mas do outro, aquele grande, com barba. Quando o puxámos, gemeu “Ai, a minha perna! Ai, a minha perna!” e revirou os olhos. É estranho um homem tão grande desmaiar como uma rapariga. Algum de vocês desmaiaria com um golpe de gancho? Eu não. Não entrou muito na perna.» Mostrou o gancho, tinha-o trazido por esse motivo, e causou sensação. «Não, tolo! Não estava só preso na carne, também estava nas calças. Muito sangue, claro.»

Jim achou aquilo uma exibição lamentável de vaidade. A tempestade servira um heroísmo tão espúrio como a sua própria simulação de terror. Estava zangado com o tumulto brutal da terra e do céu, pelo facto de o ter apanhado de surpresa, travando injustamente a sua generosa prontidão para escapar por um triz. Fora isso, até estava contente por não ter entrado no cúter, visto que lhe valera uma conquista menor. Ampliara os seus conhecimentos mais do que os que tinham participado. Quando todos hesitassem, nessa altura — tinha a certeza — só ele saberia como lidar com a ameaça espúria do vento e dos mares. Sabia o que pensar sobre isso. Encarada objetivamente, parecia desprezível. Não detetava qualquer vestígio de emoção em si próprio, e o efeito final deste acontecimento avassalador foi ele, passando despercebido e mantendo-se à distância da multidão ruidosa de rapazes, rejubilar com certeza renovada da sua avidez por aventura e impressão de coragem multifacetada.